



História, Ciências, Saúde - Manguinhos

ISSN: 0104-5970

hscience@coc.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

da Silva, Luiz Jacintho

Auto-suficiência em vacinas: a história de uma utopia

História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 15, núm. 1, enero-marzo, 2008, pp. 225-226

Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138034015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Auto-suficiência em vacinas: a história de uma utopia

Self-sufficiency in vaccines: the history of an utopia

Luiz Jacintho da Silva

Faculdade de Ciências Médicas / Universidade de Campinas
Novartis Vaccines and Diagnostics, Siena, Itália
ljsilva@unicamp.br



Azevedo, Nara; Gadelha, Carlos Augusto Graboys; Ponte, Carlos Fidelis; Trindade, Claudia; Hamilton, Wanda (Org.). *Inovação em saúde: dilemas e desafios de uma instituição pública*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007. 424p. il.

Nenhum país hoje, por mais desenvolvido que seja, é auto-suficiente em vacinas. A produção está fortemente concentrada na Europa, mesmo os Estados Unidos devem importar algumas de suas vacinas. Podemos argumentar que a auto-suficiência nesse setor é uma questão ultrapassada no moderno mundo globalizado, mas dispor de um complexo industrial e de pesquisa para o desenvolvimento e a produção de imunobiológicos é uma questão de segurança nacional, percebida e reconhecida por governos tão diferentes como os dos Estados Unidos e de Cuba.

Dos países do grupo atualmente denominado Bric – Brasil, Rússia, Índia e China –, considerados como potenciais líderes econômicos mundiais num futuro próximo, o Brasil é o mais distante da auto-suficiência em vacinas. Os demais adotaram políticas rígidas de defesa da indústria autóctone, e hoje é praticamente impossível vender vacinas nesses países sem estabelecer acordos de transferência de tecnologia.

No Brasil, a bandeira da auto-suficiência foi levantada há décadas e vem sendo perseguida desde então. Uma utopia? Talvez, mas utopias são importantes para motivar pessoas e sociedades, e o processo de atingir essa utopia muitas vezes muda a história. A história dessa busca no Brasil se confunde com a história da Fiocruz e de Bio-Manguinhos, o seu braço dedicado ao desenvolvimento e à produção de imunobiológicos.

A busca da utopia da auto-suficiência em vacinas, usando uma licença poética, é a história contada no livro *Inovação em saúde: dilemas e desafios de uma instituição pública*, organizado por um grupo de pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz e publicado pela Editora Fiocruz.

A obra é dividida em três partes e contém pouco mais de quatrocentas páginas. Traz capítulos de análise escritos por oito colaboradores e pelos cinco organizadores, além de diversos depoimentos de pessoas ligadas à história de Bio-Manguinhos.

O quinto dos dez capítulos é dedicado à transcrição dos 19 depoimentos, e o livro ainda traz um anexo com a cronologia histórica de Bio-Manguinhos, além de algumas tabelas com dados de produção da instituição. É uma obra de referência fundamental para quem quiser conhecer a história da saúde pública no Brasil. Não obstante seu caráter de referência, a leitura é agradável e nos leva a percorrer rapidamente as três décadas de existência dessa instituição que conseguiu sobreviver apesar das forças opostas, políticas e econômicas, que surgiram em diferentes momentos.

Luiz Jacintho da Silva

Ainda que dedicado a uma única instituição, o livro pode ser considerado como uma história da produção nacional de imunoterápicos, uma história que se inicia há mais de um século e revela uma política ambígua por parte dos diversos governos ao longo desse tempo. A produção nacional era incentivada apenas nos períodos de epidemia, a começar com a peste bubônica em 1899, passando pela varíola dos tempos da campanha de erradicação e pela doença meningocócica dos meados da década de 1970.

A persistência de uma instituição na busca da auto-suficiência merece admiração, além de se constituir em tema interessante para historiadores.

A primeira parte, com três capítulos, contextualiza a história das vacinas e da instituição e dedica, como não poderia deixar de ser, um capítulo inteiro à vacina da febre amarela, sem dúvida a ‘obra-prima’ da Fiocruz. O segundo e o terceiro capítulos contam a história de Bio-Manguinhos, tendo a história da vacinação no Brasil como um contraponto.

A segunda parte, dedicada aos depoimentos, traz um capítulo introdutório sobre a história oral, sem dúvida um dos pontos altos das atividades da Casa de Oswaldo Cruz. Os 19 depoimentos que se seguem traçam um quadro vivo da trajetória da instituição.

A terceira parte, com cinco capítulos e um anexo, completa as outras duas ao contextualizar a questão da produção de vacinas no momento atual, no Brasil e no mundo, o que dá ao leitor suficiente informação para entender os desafios que Bio-Manguinhos já enfrentou e os que ainda irá enfrentar.

Indiscutivelmente, não se pode conhecer a história da vacinação no Brasil e os problemas da inovação tecnológica em imunobiológicos sem recorrer a esta obra.

